

## RUI CHAMONE JORGE ERA MARXISTA?

A escolha do tema desse periódico nasceu da inquietação gerada por um questionamento sobre a corrente de pensamento defendida por Rui Chamone Jorge: “Rui Chamone Jorge era Marxista?”. A pergunta foi entendida também como uma indagação quanto à minha predileção filosófica, que até então era desconhecida neste aspecto. Tal inquietação cresceu e foi se consolidando a partir de discussões realizadas em uma disciplina isolada de Pesquisa Qualitativa - Mestrado em Ciências da Reabilitação, UFMG – quando se discutia o que ancorava o nosso discurso, quais eram nossas paixões e a permissão existente para um cientista ter suas preferências e simpatias no exercício da ciência. A busca pelo aprofundamento das raízes da teoria proposta por Rui Chamone Jorge, compreendendo quais as correntes teóricas que motivaram sua obra, e em qual contexto histórico emergiu, culminou na escrita desse texto. Para fundamentar essa imersão utilizou-se o capítulo “Correntes de Pensamento” do livro “O Desafio do Conhecimento”, escrito por Maria Cecília de Souza Minayo, de 2008.

Sabe-se que todo grande pesquisador, mesmo com teorias revolucionárias, apresenta em suas obras marcas teóricas de outros autores, não sendo absolutamente original. Uma teoria pode ser entendida como uma das formas de compreender a realidade, portanto nunca possuirá o “monopólio da compreensão” de mundo (MINAYO, 2008). Para não correr o risco de fazer interpretações reducionistas acerca de um autor e/ou uma ideia, faz-se necessário interpretá-las dentro do contexto em que foram produzidas e atualizá-las para que atendam às necessidades constantemente renovadas pela sociedade.

Ao fazer um recorte da sociologia moderna, e das referências clássicas desse período, Minayo destaca a trilogia: Durkheim, Weber e Marx. Esses teóricos percebem e interpretam o mundo de diferentes maneiras, emergindo em momentos peculiares da história da humanidade.

Segundo a autora, David Émile Durkheim (1858 - 1917) foi um sociólogo francês, que defendeu o positivismo, uma corrente filosófica com origem no sec. XVIII, época marcada pela dominação da igreja e do estado que,

autoritariamente, detinham o controle da sociedade, influenciando-a com seus interesses. Representante da hegemonia da classe médica, o positivismo foi uma doutrina relevante neste cenário, uma vez que a ciência ocupou-se de fatos, de conhecimentos objetivos, buscando manter-se livre de valores e crenças.

Mais tarde, nas décadas de 60 e 70, surge a teoria compreensiva, descrita por Minayo como antipositivista, por buscar a compreensão dos significados e intencionalidade dos fenômenos sociais. Max Weber (1864 - 1920) sociólogo alemão, foi quem estabeleceu as bases teórico-metodológicas do compreensivismo, que tem como sua especificidade a ponderação das singularidades, o papel do indivíduo e sua ação na construção da realidade.

Tais fenomenólogos, caminharam juntos com os marxistas ao proporem críticas radicais ao crescimento das forças produtivas do sistema capitalista, mas a partir da década de 70, houve um rompimento dessas linhas de pensamento. (MINAYO, 2008)

Minayo infere que o marxismo tem a “marca da totalidade” por abarcar várias perspectivas: econômica, histórica, política, sociológica e filosófica. Segundo a visão de Goldmann, a obra de Marx, distingue da fenomenologia, pois não apenas descreve e compreende os aspectos simbólicos dos fenômenos. Supera, através das concepções da dialética, a dicotomia entre objetividade e subjetividade, até então propostas pelo positivismo e compreensivismo respectivamente. É a teoria da ação, onde o trabalho (entendido como atividade prática) é quem media as relações sociais, possibilitando a emancipação subjetiva e objetiva do ser humano. É através da práxis que a transformação das idéias sobre a realidade e a transformação da realidade caminham juntas.

A consolidação da obra de Rui Chamone Jorge (1941 - 1993), terapeuta ocupacional, foi contemporânea ao apogeu do Marxismo no Brasil. Segundo Minayo (2008), o enfoque marxista, foi concomitante à vigência da ditadura militar, onde estavam presentes a violência política e restrição da distribuição dos serviços de saúde. Vários profissionais da saúde, propunham mudanças e

neste cenário, Rui Chamone se destaca pela originalidade e aplicabilidade de sua proposta: a psicoterapia ocupacional.

A psicoterapia ocupacional apresenta alguns pontos em comum com o Marxismo. Ambos consideram a coexistência dos opostos - objetividade e subjetividade - e o movimento dialético dos mesmos; entendem que contextos específicos podem explicar contextos universais e vice-versa; acreditam na atividade humana como uma mediadora das relações sociais; abordam o processo histórico como produto da ação/ construção humana.

Contudo, há divergências fundamentais que distanciam a estruturação das duas teorias, uma vez que Rui Chamone propõe um vetor gerado a partir da coexistência da objetividade e subjetividade: a aquisição de consciência; discorre sobre o conceito sartreano de grupo com suas dinâmicas e mediações grupais, inferindo que além da matéria como mediadora das relações sociais e vice-versa, os indivíduos também são mediados pelas relações grupais (ou humanas); e utiliza a concepção hegeliana do homem como inspiradora de sua teorização.

Ao aprofundar nas referências bibliográficas utilizadas por Rui Chamone Jorge, o recorte da sociologia moderna feito pela autora torna-se insuficiente para compreender a especificidade da obra do professor. Uma vez que ele não fundamenta sua proposta teórica em nenhuma das três correntes apresentadas acima. Este texto responde à pergunta inicial, mas é apenas a introdução para a compreensão do arcabouço teórico da psicoterapia ocupacional tornando-se uma porta de entrada para novos estudos.

#### **REFERÊNCIAS:**

**JORGE**, Rui Chamone. Cadernos de Terapia Ocupacional Nº1 – A Mediação na Terapia Ocupacional. Belo Horizonte: GESTO, 1991.

**JORGE**, Rui Chamone. Museu didático de Imagens Livres Professor Rui Chamone Jorge – Mostra “Corpo Grupal”. Belo Horizonte: GESTO, 1997.

**JORGE**, Rui Chamone. Psicoterapia Ocupacional – História de um Desenvolvimento. Belo Horizonte: GESTO, 1995.

**MINAYO**, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento – Pesquisa Qualitativa e Saúde. XXXX